

MONTEIRO, M. C.; CHIARA, A. C.; SANTOS, F. V. dos. (orgs.). *Escritas do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011. (Prismas; 10)

## REUNINDO O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Adriana de Souza Jordão Gonçalves<sup>1</sup>

Inicialmente apresentados durante o II Encontro de Grupos de Pesquisa do CNPq / Linha de Pesquisa Poéticas da Modernidade em Perspectiva Comparada, realizado em novembro de 2010 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), os catorze textos compilados neste volume 10 da coleção Prismas trazem diversas visões acerca de um tema que é a espinha dorsal do estudo: a representação do corpo.

Em “Dicções do abjeto na contemporaneidade: as obras de Marcelo Mirisola e Nuno Ramos”, texto que abre o volume, Ângela Dias contrapõe em torno do conceito de abjeção desenvolvido por Julia Kristeva aquilo que defende como os dois tipos básicos de figuração que despontam na produção literária contemporânea: “a constante da autobiografia, desenvolvida pelo teatro da autoficção, e a vertente da ficção da alteridade” (p.13). Explorando as obras *Animais em Extinção*, de Mirisola, e *Ó*, de Nuno Ramos, a autora investiga como as provocações da produção contemporânea podem ir do deboche, do cinismo diante da ordem estabelecida “até os mais variados matizes da violência, numa tendência à dissolução da distância narrativa, em que a impossibilidade da existência de um mundo narrado contraposto à voz narrativa se assume como sintoma, no cerne do discurso.” (p.7).

O conceito de abjeção também norteia o ensaio de Shirley Carreira, “Do corpo objeto ao corpo abjeto: escritas contemporâneas do corpo”. Em uma análise dos romances *A céu aberto*, de João Gilberto Noll, e *Shame*, de Salman Rushdie, a autora lê o corpo inscrito na literatura contemporânea como “corpo transgressor, que tanto pode assumir um caráter erótico quanto abjeto.” (p.54). No romance de Noll, o corpo é o *locus* das experiências, é o local onde se configurarão, através do corpo erótico, objeto de desejo, as transgressões à ordem social repressora. Rushdie, por sua vez, “cria uma

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Literatura Comparada; UERJ/CNPq [adrianajordao12@gmail.com](mailto:adrianajordao12@gmail.com)

abjeção que emerge como força transgressora da ordem social imposta pelo patriarcado e eclode sob a forma de aberração.” (p.58).

O ensaio “Bata-me, bite-me: de volta à carne do mundo”, de Ana Cristina Chiara, explora a demanda da cultura contemporânea por um retorno à carne após a “perda progressiva da experiência da corporeidade das tendências à abstração da arte modernista do século XX” (p.27). A volta da carne, em sua superexposição e sua performatização através do excesso da imagem, fenômeno contemporâneo de *mass media*, leva, sugere a autora, à náusea, à catatonia do desejo. Em suas indagações, Chiara vai de Lady Gaga ao jacaré dos esgotos urbanos de Santiago Nazarian, passando no caminho pelo escultor e artista performático Tunga, o que atesta sua visão do contemporâneo.

Maria Conceição Monteiro traz para a discussão o romance de Doris Lessing em seu “Histórias compartilhadas: *The Grass is singing*, ou a mulher e o nativo”. Ambientada em uma colônia inglesa, portanto trazendo a noção de império como elemento fundamental de sua trama, a obra é lida pela pesquisadora como uma fábula sobre o confronto entre bem e mal, entre os poderes estabelecidos na colônia e as formas de resistir a eles. A força disruptiva e transgressora do erotismo inscrito no corpo negro do nativo e no corpo branco da mulher pontua a análise empreendida por Monteiro neste estudo fortemente calcado nas bases teóricas de Freud e Bataille.

Também ligado aos estudos da literatura pós-colonial, “O silenciamento do corpo feminino na ficção de Maïssa Bey”, apresenta as considerações de Maria Cristina Batalha sobre *Sous le jasmin la nuit*, livro de contos da escritora argelina. O ensaio busca demonstrar como a ficção de Bey trabalha na justaposição da memória individual com a memória coletiva, das histórias pessoais, ficcionais ou reais, com a História e suas lacunas.

Em “Imagens do corpo e representação retórica das paixões nas letras seiscentistas: um estudo de caso”, Ana Lúcia Oliveira faz uma apresentação da obra do jesuíta, professor de retórica e estrategista aragonês Baltasar Gracián, e analisa sua inserção em uma época em que a prática corrente de tematização do corpo se mostra fortemente na preocupação com a análise fisiológica das paixões, que “se dão a ver e a ler sobre um corpo que se deixa laminar por diferentes saberes”. (p.47).

Fátima Cristina Dias Rocha apresenta “Representações do corpo nas memórias dos modernistas brasileiros”, ensaio que enfoca as obras *Um homem sem profissão* –

*Sob as ordens de mamãe*, de Oswald de Andrade, e *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego. A autora considera “não apenas as relações do protagonista com o próprio corpo mas também com o corpo da escrita” nesta análise do traço memorialístico das autobiografias.

Mais do que registros de experiências de um indivíduo, os diários pessoais se constituem segundos corpos, registro desdobrado para um outro nesta escrita de si: assim, em “O corpo nos diários pessoais: presença e latência”, Sergio Barcellos pensa o diário como “o corpo que se completa fora do corpo do diarista.” (p.82). A incorporação de fragmentos de si na narrativa torna-se literal no diário de Joaquim Paiva, onde esperma, cabelos, pele, unhas são fisicamente trazidos para a superfície do papel; na reflexão de Barcellos, “a exaustão do discurso verbal na necessidade de autonarração do sujeito.” (p.84).

Em “Espaços corporais: o fundo e o raso do corpo”, Carlinda Nuñez, após traçar um breve panorama do corpo na concepção do pensamento grego, explora o conceito do corpo como espaço que pode ser lido, que possui textualidade e remete a um contexto, um corpo inscrito.

“De uma cicatriz à outra: modos de ler o arquivo do corpo e o corpo do arquivo”, de Marcelo dos Santos, tem seu foco nas obras de Silviano Santiago e João Cabral de Melo Neto e no trabalho da artista visual Rosângela Rennó – todos conjugados à ideia de cicatriz como fissura ambivalente, entreaberta, entre o aberto e o fechado da narrativa.

De autoria de Camila Mello, “Relações entre casa e corpo na literatura gótica” analisa como o tema do corpo é desenvolvido na narrativa gótica de duas maneiras: de forma literal, isto é, através das inscrições nos corpos dos personagens, e de forma metafórica através da representação da casa, estrutura física viva que remete aos próprios corpos de seus habitantes. A visão da casa como extensão da representação do corpo é explorada pela autora com base no romance *Lady Audley's Secret*, de Mary Elizabeth Braddon, e no trabalho teórico de Bachelard; as ideias de degradação e segredo - características do gótico – inscritas diretamente no corpo recebem aqui, nesta visão do contemporâneo, o revestimento da disfunção alimentar representada em *Lady Oracle*, romance da canadense Margaret Atwood.

“Mais do que um mero elemento, o corpo, na literatura de Fonseca, cada vez mais, adquire um status de personagem, que interage com os demais personagens,

seduzindo-os e influenciando-os”, afirma Daniele Ribeiro Fortuna em “Rubem Fonseca em três contos: o corpo ou a coisa que sente”. Com base nas noções de Mario Perniola, a autora analisa o sentir impessoal nos contos de Fonseca.

“Ser artista com esta cor! A exclusão do corpo assinalado” trata das dificuldades sofridas por Cruz e Sousa de se afirmar como escritor no século XIX. Fátima Maria de Oliveira traz a crítica da época do poeta para mostrar como sua raça, sua cor, criaram sua condição de excluído, determinaram a visão estigmatizada provocada por sua obra.

Vera Lima Ceccon fecha o volume com “Quebras do corpo, quebras da linguagem”, ensaio que é parte de um estudo maior iniciado pela autora acerca dos “estados-limites do corpo chamado ‘neurofisiológico’ e do ‘psicológico’.” (p.158). No estudo publicado nesta edição de Prismas, a autora explora a “loucura” na vida e na obra de Virginia Woolf, entre aspas como prefere Ceccon, por um viés que toma o “estado de exceção” (p. 159) da normalidade e aproxima-o da noção de criação. Posicionado em relação aos colapsos nervosos da escritora inglesa e seus registros biográficos, o romance de estreia de Woolf, *The Voyage Out*, exemplifica o desenvolvimento da ideia da autora nesta relação loucura-criação.

Mais do que uma grande contribuição para os leitores ligados aos estudos de literatura, o volume *Escritas do corpo* oferece, com sua grande variedade de assuntos, épocas e abordagens, boa leitura para aqueles que se interessam pelos compassos do pensamento contemporâneo.